

## **BIBLIOGRAFIA**

- 8 **Bibliografia de Horácio Peixoto de Araújo**

## **IN MEMORIAM**

- 15 **Horácio Araújo**  
MANUEL BRAGA DA CRUZ
- 17 **A um amigo**  
ISABEL CAPELOA GIL
- 21 **«Partíamos como se não fôssemos...»**  
JOSÉ MIGUEL SARDICA

## **ARTIGOS**

- 41 **Portugal, postcolonial reconfigurations and the colour divide**  
ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS

Étienne Balibar (2008: 1630-31) drew attention to the fact that, in a globalized world, there are two reactions when racism is examined. On the one hand, there are discourses that state that the issue of racism has become obsolete. On the other hand, we have an array of discourses according to which racism is not only more alive and harmful than ever, but that we might also be entering into an era in which racism will dominate societies. This discussion becomes particularly interesting when one of the effects of

globalization is taken into account. The increasing and faster motions of people, and notably from former colonies to European “mother countries”, lead to an appraisal of the reorganization of social and political structures, therefore questioning, as Balibar pointed out, why and how racism has been subject to transformations.

This discussion becomes even more pertinent when taking into account Miguel Vale de Almeida’s belief (2007) that the social framework of contemporary Portugal is characterized by inequalities that disclose Portuguese people’s difficulty in dealing with and accepting difference. According to the Portuguese anthropologist, the difficulty rests on the belief that the Portuguese are not racist and it illustrates how the conflicting social relationships at the beginning of the 21st century, namely when the country receives an increasing number of immigrants, configures a deep and repressed colonial narrative that requires thorough discussion.

In this paper, my aim is to examine and use Jaime Rocha’s *Homem Branco, Homem Negro*, a play that was awarded the “Grande Prémio do Teatro Português” in 2004, in order to address how, in a postcolonial era, Portuguese society continues to be written in black and white, thus revealing how difficult it is for Portuguese people to rid themselves of the racialized social hierarchy inherited from colonial times.

**Keywords:** Racism; Colour divide; Racism in Portugal; Racism reconfiguration; Postcolonial racism; Portuguese literature.

### 53 Para uma poética do transreal. Breves notas sobre o lugar da escrita na obra ensaística de Vergílio Ferreira

ALEXANDRA LOPES

Esta breve reflexão incide sobre o lugar da escrita e do escrever na obra ensaística de Vergílio Ferreira. O gesto meta-reflexivo, em que quem escreve indaga as razões do escrever ao mesmo tempo que escreve, é central na poética vergiliana, porquanto a escrita é uma espécie de traço visível, exterior(izável) da aparição do Homem perante si próprio e escrever se assume como incisão na linguagem de um sujeito em busca da revelação do seu destino. Num certo sentido, e parafraseando livremente outro poeta, poder-se-ia dizer que pela escrita é que vamos.

**Palavras-chave:** Escrever; Transreal; Homem; Poética.

### 65 “The privilege of power” or why power must be given to men of goodwill. A study on political power following a sentence by Winston Churchill

AMÉRICO PEREIRA

Churchill uses what he calls “the privilege of power” as a means not to obtain anything for himself, but in order to serve the sole aim of political common

good. Studying some examples of Churchill's acting, one is able to perceive how this aim can be served. What is fundamental about this action is that it is not an action of a perfect entity, but an action of a man of goodwill, the kind necessary to promote the common good for all humanity.

**Keywords:** Churchill; Privilege of power; Common good; Political good; Men of goodwill.

## 85 **Dos mitos gregos na *Obra Poética* de David Mourão-Ferreira**

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA

David Mourão-Ferreira recorre aos mitos gregos no volume I da sua *Obra Poética* para reflectir sobre inquietações, sentimentos, sonhos que se repetem ao longo dos séculos. É a teia de Penélope a representar o Amor; é o voo de Ícaro a significar a caminhada da vida; é a jovem Nausícaa a lembrar que o Tempo é um monstro insuperável; é o labirinto a mostrar como é difícil encontrar o sentido que o fio de Ariadne prometia a Teseu. O equívoco dos caminhos labirínticos, a sucessão dos dias que jamais retrocedem, a inquietação permanente, própria da natureza humana, consciencializam o Homem do mistério da sua demanda.

**Palavras-chave:** Amor; Tempo; Vida; Labirinto; Teia; Voo de Ícaro; Nausícaa; Teseu; Penélope.

## 93 **Receitas misóginas de Setecentos n' *O Jornal Enciclopédico* de 1806**

ANA MARIA COSTA LOPES

Enquanto algumas portuguesas do início de Oitocentos progrediam intelectualmente em várias áreas do saber e mudavam uma página da sua história, certos homens teimavam, na mesma altura, na manutenção da invisibilidade delas. Eles utilizaram a imprensa como um poderoso meio de persuasão para o restabelecimento de ideias conservadoras. A publicação de uma carta de Swift, independentemente da sua idade vetusta ou, pelo contrário, por causa disso mesmo, cumpriria, na perfeição, esses objectivos. Este rigoroso e completo manual de submissão feminina era «útil» para os dois sexos, mas com fins diferentes: num caso, ensinava os homens a dominar, a subjugar, a destruir a individualidade e as capacidades intelectuais das mulheres; no outro, através de exemplos muito concretos, conduzia as mulheres à anulação total do seu ser, imbecilizando-as para melhor as controlar.

**Palavras-chave:** Imprensa; Submissão; Domínio; Mulheres; Conservadorismo; Privado/Público; Intelectuais.

### 107 Interculturalités en traduction: le Portugal et le Japon

ANA PAULA RIAS | MARIA DOS ANJOS GUINCHO

No âmbito das modernas teorizações sobre Tradução Cultural e Alteridade, o tratado de Luís Fróis (1563-1597) é um documento singularmente valioso na medida em que regista o olhar de um europeu – português e padre jesuíta – sobre uma realidade absolutamente nova. E a forma escolhida para captar esse mundo é também reveladora ao estabelecer um contraste, tanto quanto possível isento de juízos, entre as formas de organização, os usos e os costumes do mundo sentido como civilizado face ao dos Japoneses. O livro destinava-se a preparar os jovens missionários jesuítas para a desafiadora missão de evangelizar e espalhar a palavra de Cristo no Oriente.

**Palavras-chave:** Tradução Cultural; Portugal; Japão; História; Luís Fróis; Alteridade; Companhia de Jesus.

### 139 Ver Évora com os olhos de Margarida

ANTÓNIO QUINO

O presente trabalho visa fotografar Évora com base nos poemas de uma artista portuguesa, no caso, Margarida Morgado, e tem a finalidade de estabelecer uma relação intrínseca entre a arte poética e a cidade de Évora e suas gentes. No seu livro de poemas *Água Pródiga*, a poetisa utiliza a arte para cultivar a cultura portuguesa, variando no tempo e no espaço, trancando em papel a milenar história de Évora e, concomitantemente, usando a poesia para realçar a sua preocupação com o mundo dos homens, que frequentemente viola a natureza da inocência da humanidade. Margarida Morgado lembra que, embora a histórica cidade de Évora se encerre em muralhas seculares, a preocupação com a preservação da vida humana é global, e a história testemunha isso mesmo, conforme se lê em *Água Pródiga*.

**Palavras-chave:** Margarida Morgado; Poetisa; Évora; *Água Pródiga*; História de Portugal; Alentejo; Beslam.

### 145 As mulheres e o «Império». Uma leitura crítica feminista

CARLA GANITO

Partindo do trabalho de Donna Haraway, o artigo oferece uma leitura crítica feminista do «Império» de Hardt e Negri. No artigo propõe-se a existência de uma limitação na teoria de Hardt e Negri: o não reconhecimento do poder como um constructo também de género. Embora possamos reconhecer que todos os impérios são totalitaristas e patriarcais, deveria existir uma análise do feminismo como «multitude», como proposto por outros autores, como Manuel Castells.

Um dos instrumentos mais poderosos do domínio do império é a imagem que, actualmente, é transmitida através de ecrãs. Estes, além de cada vez mais

incorporados no ambiente que nos rodeia, estão a ultrapassar as barreiras do nosso corpo. Os corpos, especialmente os femininos, estão a tornar-se superfícies visuais controladas pela cultura dominante.

Os ecrãs são fontes de controlo, vigilância e poder. Eles gerem o equilíbrio entre visibilidade e invisibilidade, esquecimento e recordação, daquilo que incluímos ou que excluímos.

Donna Haraway sugere a necessidade de se ir mais longe do que a mera crítica da representação, propondo reconfigurar a visão para incorporar o sujeito feminino na sua multiplicidade e subjectividade. A reconquista da visão e dos ecrãs permitiria às mulheres ganhar visibilidade, controlo e poder. Podemos assim considerar o trabalho de Haraway um manifesto para uma política feminista de oposição ao «Império».

**Palavras-chave:** Império; Feminismo; Ecrã; Corpo.

### 153 A propósito da Ordem da Cartuxa. O Cinema e a Televisão

CARLOS CAPUCHO

Dois realizadores – um português e um alemão –, em Portugal (Évora) e nos Alpes franceses, fazem uma aproximação à Ordem da Cartuxa. A Cartuxa de Évora é abordada para a televisão num formato de 25 minutos. A casa-mãe da Ordem é contemplada para o cinema num documentário de cerca de três horas. O tempo que o realizador alemão esperou para obter autorização para realizar o seu filme é o mesmo que separa as duas produções: quinze anos. São duas abordagens em tempos distintos e com muitas coincidências.

**Palavras-chave:** Silêncio; Luz; Clausura; Religião; Natureza; Inverno; Verão; Alpes; Alentejo; Comunidade; Vida cenobítica; Cinema; Televisão.

### 165 O trabalho insidioso da censura e o Teatro Moderno de Lisboa (1961-1965)

EUGÉNIA VASQUES

O programa de acção do Teatro Moderno de Lisboa (1961-1963; 1964-1965), centrado na luta contra a crise que avassalava o teatro e que o grupo sabia radicar no papel dominante dos empresários e na falta de continuidade e de autonomia estética das companhias, visava, como grande objectivo, a autonomia artística dos actores e dos cenógrafos em face dos *lobbies* estabelecidos. Procurava-se, em primeira instância e apesar da férrea Censura daqueles anos de início da Guerra Colonial, estabelecer um repertório adequado às preocupações socioculturais do tempo e indagavam-se modos de trabalho de grupo que eram o oposto da arte de entretenimento comercial. Para tal programa, o TML propunha não só um modo diferente de entender a produção, ao estabelecer uma diferente relação com o público que tentou diversificar e comprometer, mas concebia também a possibilidade de um entendimento

colectivo da encenação. Porém, o projecto não conseguiu sobreviver. A Censura teve um papel determinante neste frustrado esboço de modernização do teatro em Portugal.

**Palavras-chave:** Censura; Colectivo; Encenação; Guerra colonial; Produção; Teatro.

## 179 O mundo de *Los gozos y las sombras*: pessoas e personagens

INÊS ESPADA VIEIRA

A trilogia de Gonzalo Torrente Ballester (1910-1999) *Los gozos y las sombras* (1957, 1960, 1962) situa-nos num realismo afastado dos seus antecessores oitocentistas, e muito longe dos seus contemporâneos comprometidos. Não há uma moralidade, nem a obra resulta de um desígnio intervencionista que se tivesse imposto ao seu autor. Ela mostra-nos a alma e as suas contradições, mostra-nos que não estamos perante a recorrente tensão entre «os bons» e «os maus», quase inumanos, mas que estas personagens são exemplos do «drama humano» na sua própria situação. Como afirmou GTB, citando Sartre, «El carácter no existe, lo que existe es un carácter en situación» (Rivas 1982: 38). Assim, propomo-nos reflectir sobre o mundo de Pueblanueva, sobre as suas personagens tornadas pessoas, a propósito destas *situaciones* e acerca do poderoso diálogo entre o ser e o meio, a interacção surpreendente entre o ser e os outros. Atentaremos no retrato que nos é apresentado, numa paisagem (i)(de)limitada pelo mar e pelo monte, pelo passado e pelo futuro, e povoada pelas vidas dos que vivem, chegam e partem de Pueblanueva del Conde.

**Palavras-chave:** *Los gozos y las sombras*; Personagens; Realismo; Torrente Ballester.

## 195 Toda a física é poesia? Diálogos em paralaxe

ISABEL CAPELOA GIL

O ensaio discute a relação entre literatura e a teoria da ciência na modernidade, com particular incidência na física quântica. Assumindo, como referiu Popper, que todas as ciências são antes de mais Ciências Humanas e que se querem comunicar, o estudo evoca a reflexão teórica do Romantismo de Jena e a viragem linguística estruturalista, estabelecendo pontes com a teoria da ciência do século XIX e a reflexão sobre a física quântica de Heisenberg no século XX. Procura assim argumentar que, numa relação de paralaxe relativa, o projecto de versabilidade infinita faz tocar a ciência com a literatura.

**Palavras-chave:** Literatura e ciência; Modernidade; Pós-modernidade; Paralaxe.

217 **Em memória de um projecto e de um coordenador pedagógico.  
A Oração de Sapiência de 2001**

ISABEL FERIN CUNHA

Este texto foi escrito em 2001, a pedido da direcção da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Lisboa, para ser proferido na cerimónia de entrega de diplomas aos alunos da mesma faculdade. O teor desta Oração de Sapiência, que nunca foi publicada, constituía, na altura, uma súplica das reflexões e discussões dos docentes (entre os quais me incluía) do curso de Comunicação Social e Cultural. O texto reflecte as directivas e as preocupações que norteavam não só as acções dos docentes como as do coordenador do curso. Nestas reflexões destacam-se dois vectores importantes: a preocupação por uma formação cultural e tecnológica humanista e o princípio de que se deveria privilegiar uma abordagem cristã, centrada na pessoa humana.

**Palavras-chave:** Ciências da comunicação; Ensino dos *media*; Jubileu dos jornalistas; Formação profissional.

233 **Os termos da viagem. Ao volante do Pessoa-Campos  
(Santa Barbara 1989)**

JORGE FAZENDA LOURENÇO

Se o sentido da viagem é a viagem, ou melhor, a acção de passar, o que significa ler: o mundo, este poema? Pode o poema «Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra» ser um não-lugar para contemplar o mundo, feito de um movimento contínuo de figuras, tempos e espaços, interiores e exteriores, sujeitos e objectos que se intersectam e se bifurcam?

**Palavras-chave:** Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; Poema; Viagem; Não-lugar; Modernidade.

249 **A Cidade do Sol de Tommaso Campanella**

JORGE VAZ DE CARVALHO

A *utopia* concretiza literariamente a eterna aspiração humana à vida boa e feliz. Crítico do seu tempo, mas crédulo nas capacidades do ser humano, o utopista projecta ficcionalmente, em geometria tangível (política, social, económica, moral e religiosa), a real possibilidade da construção ideal do paraíso na Terra. Tommaso Campanella, frade dominicano de curiosidade intelectual infatigável e insubmissa à doutrina, sofre em várias prisões e torturas a punição pela indisciplina dos saberes que procura e dos escritos que publica, e pela acção prática da conjura contra as autoridades oficiais. É no cárcere que escreve *A Cidade do Sol*, utopia de república comunitária e teocrática, lugar sagrado, de eleição da inteligência e do espírito, que intentara revolucionariamente edificar na sua Calábria natal, como base para unificar

as nações do planeta sob o governo hierocrático do papa católico romano. Na obra, não repete apenas motivos platónicos, esquemas espartanos, regras conventuais: anuncia as instâncias profundas da justiça social, entendida não como igualitarismo mecânico, nivelador e liberticida, mas como resgate da dignidade do homem.

**Palavras-chave:** Utopia; Tommaso Campanella; *A Cidade do Sol*.

279 ***Principium qui et loquor vobis (Jo 8, 2)***  
**(modulações sobre a escrita de Maria Gabriela Llansol)**

JOSÉ AUGUSTO MOURÃO

A leitura da obra de Maria Gabriela Llansol obriga a modulações de ataque não comuns a qualquer outra obra. Essas modulações respondem à atracção por esta forma de escrita (de vida?), prendendo-se à forma de sensibilidade que esta exprime: o espaço tensivo polarizado pela transparência e a opacidade; o estado «suspensivo» das figuras que atravessam o texto como cometas – aparecem e logo desaparecem, transfiguradas, irreconhecíveis; o desenho acabado de uma estética de ressuscitação, contraposta à estética da cinza; as formas do sentir que dão acesso àquilo a que podemos chamar o Aberto, cuja expressão simbólica é o «vazio», considerado como espaço-tempo indefinido.

**Palavras-chave:** Ler; Fulgor; Textuantes; Comunidade.

291 **A marca do cinema alemão na filmografia americana dos anos 30**

KLEMENS DETERING

Neste artigo, o autor destaca o trabalho de alguns directores, actores e técnicos de língua alemã que tiveram um papel de destaque no que se refere ao desenvolvimento do cinema nos Estados Unidos – entre eles, Ernst Lubitsch, Fritz Lang, Wilhelm Dieterle, Hans Dreier, Murnau, Max Reinhardt, Josef von Sternberg e Marlene Dietrich. Foi através destas personalidades que surgiram novos meios cénicos, novas técnicas de iluminação e técnicas fílmicas – como, por exemplo, a câmara Artiflex de 35 mm ou o processo «Schufftan» –, além de novas temáticas, como a homossexualidade e a emancipação das mulheres.

**Palavras-chave:** Anos 30; Estados Unidos; Realizadores de língua alemã; Técnicas cinematográficas.

311 **Reflexões sobre um mito pós-moderno: *The Matrix***

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES

O tema deste artigo é uma reflexão sobre *The Matrix*, uma trilogia de filmes que, embora se possa integrar na cultura popular, levanta questões da área



da filosofia, da religião, da ética e da teoria do cinema. Pretendo analisar *The Matrix* como uma amostra dos ecos filosóficos a propósito do mundo actual, além de me referir à sua importância no âmbito dos estudos filmicos. No campo da religião, indicarei que se detectam múltiplos elementos do cristianismo, do budismo e do gnosticismo. Quanto à teoria cognitiva de cinema, é evidente a influência de Gilles Deleuze e dos seus conceitos de filme e de espectador, da sua lógica rizomática e das referências à organização biológica do cérebro e ao efeito que nele têm as imagens. Neste mito pós-moderno em que o espectáculo e a imagem são uma realidade de substituição, estão também presentes as ideias de Jean Baudrillard e de Guy Debord.

**Palavras-chave:** Teoria fílmica; Filosofia; Ficção científica; Descartes; Deleuze; Baudrillard; Debord.

### 327 **Como se desenha um sermão. Visualização de uma passagem do Sermão da Sexagésima do Padre António Vieira**

MARIA LÚCIA GARCIA MARQUES

De como a palavra e a imagem se podem casar de modo a desenhar uma ideia, alimentar uma simbologia, guiar a mão ou dar voz à obra de arte.

**Palavras-chave:** Padre António Vieira; Árvore; Árvore da vida; Bordado; Colcha; Colcha de Castelo Branco; Semântica; Sermão; Símbolo; Simetria; Sintaxe.

### 343 **Luzes e sombras numa crónica da missão da China – a Ásia Extrema do padre António de Gouveia**

MARIA LUCÍLIA GONÇALVES PIRES

*Ásia Extrema*, do Padre António de Gouveia, é uma longa crónica da missão jesuíta da China. Concluída em 1644, permaneceu inédita até à sua recente edição por Horácio Araújo. Recorrendo a relatos anteriores, bem como à sua experiência pessoal, o A. narra os trabalhos de evangelização do império sínico até àquela data. Além da representação apologética do fervor missionário destes semeadores da doutrina cristã que os leva a enfrentar toda a espécie de obstáculos, objectivo primeiro deste tipo de textos, a obra foca também inesperados aspectos sombrios: uma visão fortemente negativa da sociedade chinesa marcada pela crueldade e pela corrupção; algum desânimo pelos magros frutos resultantes do árduo trabalho dos missionários; e até uma certa mágoa pela incompreensão, por parte de membros responsáveis da comunidade cristã, perante esse trabalho. Em estilo sóbrio e vivo, com recurso frequente a ditos proverbiais e outras formas de expressão populares, o A. relata esta epopeia de que foi participante e em que prosseguiu até à sua morte, em 1677.

**Palavras-chave:** *Ásia Extrema*; António de Gouveia; Evangelização da China; Missões jesuítas.

357 «Mima Fataxa» de Almada Negreiros.  
Uma análise em modo performativo

MARIA TERESA FERREIRA

Datado de 18 de Março de 1916, o poema de Almada Negreiros «Mima Fataxa – Sinfonia Cosmopolita e Apologia do Triângulo Feminino» ocupa lugar de destaque na revista *Portugal Futurista*, um manifesto literário que acorda novos gostos no início do século xx. Trata-se de um texto de contornos marcadamente vanguardistas, apoiado num grafismo assimétrico a par do ritmo acelerado de leitura que impõe. O poema em prosa interessa-nos pela inovação da forma e pela ousadia do conteúdo, fazendo assim jus à nova vaga de «ismos» estéticos à qual, pela mão de artistas ecléticos como Almada (1893-1970), Portugal não foi alheio.

«Mima Fataxa» é uma composição policromática cujo desenho fixa o instante, já que coloca o leitor no lugar do espectador/*voyeur* fixado no corpo feminino. O objectivo desta colagem (*collage*) é chocar quem lê/visualiza o cenário de uma dança voluptuosa, através de artifícios gráficos, sinesthasias, aliteraões. O corpo da bailarina insinua-se e o poema desdobra-se num complexo frenesim de referências interculturais: Paris, a cidade das luzes, da criatividade e da dança, oferece no texto, por interposta pessoa da Mima, um espectáculo ideográfico e a evocação *des ballets russes* coreografados por Vaslav Nijinski (1909-1919).

**Palavras-chave:** Feminino; Transgressão; Colagem; *Performance*.

367 Pinto, a *Peregrinação* e o orientalismo na Europa do século xvii

MARÍLIA DOS SANTOS LOPES

Em oposição às muitas desconfianças e dúvidas formuladas pelos autores dos séculos xix e xx sobre a veracidade e o mérito da *Peregrinação*, os leitores europeus do século xvii debruçaram-se com criteriosa atenção e muito agrado sobre a obra de Fernão Mendes Pinto. Reconhecida como um inusitado e exemplar repositório documental sobre o Extremo Oriente, em particular sobre a China e o Japão, a *Peregrinação* tornar-se-ia uma requisitada e bem conhecida fonte de saberes. Ao lado de conceituados e célebres viajantes europeus, o texto mendesiano revelar-se-ia um inestimável informador de múltiplos e variados dados e singularidades sobre as terras, as gentes e, sobretudo, os usos e costumes dos povos orientais. Ressaltando atentas e frutuosas leituras da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, intenta-se aflorar o vasto impacte documental e conceptual de uma das primeiras e mais referidas obras sobre o Oriente na Europa do século xvii.

**Palavras-chave:** Cultura portuguesa; Literatura de viagens; Cultura europeia; Orientalismo; Representação do Oriente.

### 381 **Cultura portuguesa: identidade e indústrias culturais**

MIGUEL-PEDRO QUADRIO

Na sequência de um artigo que publiquei em 2008 («Cultura portuguesa / culturas da Europa: aporias e interrogações de Eduardo Lourenço») – onde explorei a sugestão de Miguel Real de, a partir de 1980, ter Eduardo Lourenço detectado na cultura europeia contemporânea (emergente na afirmação progressiva da União Europeia) as aporias «labirínticas» com que interrogara Portugal em 1978 (no ensaio *O Labirinto da Saudade*) –, proponho-me agora cruzar os novos mecanismos horizontais da «sociedade da cultura» (mercantilização, massificação e autocrítica) com alguns dos escolhos/horizontes identitários levantados por Eduardo Prado Coelho, José Gil e José Mattoso.

**Palavras-chave:** Identidade nacional; Sociedade da cultura; Indústrias culturais; Cultura portuguesa; Cultura europeia.

### 393 **Dos guerreiros da paz e dos pacificadores da guerra**

MÓNICA DIAS

Quais as estratégias para a paz num momento político de incerteza e instabilidade geopolítica? Como podemos desenhar hoje uma nova cartografia para a paz? Após uma reflexão sobre as diferentes concepções de paz, apontam-se alguns dos desafios da paz em tempos de turbulência e apresentam-se vários modelos para a sua construção e garantia, distinguindo entre os «guerreiros da paz» e os «pacificadores da guerra». Se a garantia da paz precisa tanto de uns como dos outros, é no entanto importante chamar a atenção para o papel dos últimos, uma vez que perseguem um trabalho geralmente discreto, de pequenos passos, persistente e constante, silencioso e mesmo invisível – como a própria dinâmica infinita da paz. O nosso artigo é dedicado a Horácio Araújo, que recordamos, nas nossas vidas, como um verdadeiro «pacificador da guerra».

**Palavras-chave:** Paz; Estudos para a paz; Cultura de paz; Resolução de conflitos; Estudos de guerra; Relações internacionais; *Statebuilding*; Democratização; Globalização; Violência e pacificação.

### 411 **Um contributo para o estudo da «guerra das ondas» em Portugal**

NELSON RIBEIRO

O presente artigo debruça-se sobre o início da «guerra das ondas» em Portugal, fornecendo dados sobre as primeiras emissões estrangeiras transmitidas em onda curta e em língua portuguesa. Além da apresentação do contexto em que estas transmissões se iniciaram, é igualmente analisado o seu impacte na opinião pública portuguesa, bem como a importância que lhes foi atribuída, tanto pelos Aliados como pelas potências do Eixo. De forma a complementar o panorama da «guerra das ondas» nos anos 30 e 40, são igualmente apre-

sentadas algumas das estratégias utilizadas pelas forças beligerantes com o intuito de influenciar a linha editorial das estações portuguesas.

**Palavras-chave:** BBC; Emissões transnacionais; Estado Novo; Propaganda; Rádio Moscovo; RRG.

#### 431 ... porque não há política sem espectáculo!

RITA FIGUEIRAS

A relevância que os políticos dão aos *media* é um indicador de degradação da política? A «política-espectáculo» é uma consequência da centralidade dos *media* nas sociedades contemporâneas? Por que é que os políticos orientam as suas estratégias pela lógica dos *media*, mesmo quando se sentem maltratados pela comunicação social? Neste artigo, pretendemos reflectir sobre o que consideramos ser o cerne do debate em torno da relação entre a Comunicação e a Política: por que é que o poder político precisa de visibilidade (mediática)? Concluímos que a necessidade estrutural de visibilidade e a relevância do espectáculo para o poder não estão relacionadas com o tipo de regime político, nem com o aparato tecnológico. O poder sempre se afirmou através da produção de espectáculos, e a sua encenação, como condição estrutural ao exercício da política, implicou sempre a existência de uma dimensão estética. Ainda que subsista uma certa tradição académica que considera as questões relacionadas com a imagem, o espectáculo, a visibilidade e a encenação como sinais de perda da qualidade ou degradação de valores da política, consideramos que a dimensão estética e a encenação da política são essenciais à sua apresentação e representação na sociedade.

**Palavras-chave:** Política-espectáculo; Visibilidade; Encenação; Imagem; Autoridade simbólica; *Media*.

#### 441 Pessanha e Sophia – dois mundos, uma mesma *poiesis*?

ROBERTO CARNEIRO

Distanciados no tempo e no espaço, unidos na paixão simbólica, Pessanha e Sophia são dois génios da criatividade exponencial na língua pátria, cerzida a poesia. Num breve e elementar ensaio, pretendemos evidenciar uma misteriosa conjugação de alegorias em que o vigor cromático avulta como elemento estético da dor e do amor ao ínfimo.

**Palavras-chave:** Pessanha; Sophia; *Poiesis*.

#### 445 Responsabilidade social, objectividade e tecnologias

ROGÉRIO SANTOS

A responsabilidade social significa incentivar e reconhecer a formação de valores éticos nas pessoas que pertencem a estruturas organizativas e à sua

relação com o meio social envolvente. Nos *media*, o conceito incide sobre responsáveis e colaboradores das organizações (jornalistas, produtores de conteúdos, animadores, artistas, técnicos), possibilitando a existência de um ambiente interno e externo propício ao pluralismo, à liberdade editorial e aos direitos individuais de criação e expressão.

**Palavras-chave:** Responsabilidade social; *Media*; Pluralismo.

#### 457 **Literatura e disciplina de Literatura: aliadas ou inimigas?**

ROSA MARIA SEQUEIRA

Este artigo analisa a relação entre a literatura e a disciplina curricular de literatura no contexto social pós-moderno, apontando alguns problemas e aporias e reflectindo sobre as consequências de tal relação para uma pedagogia do literário. São consideradas questões essenciais da institucionalização da literatura numa época quer de afirmação de um saber utilitário e não ontológico, quer de contestação da legitimidade social do literário, quer ainda da actualmente reconhecida perda de coerência do sistema educativo. Neste contexto, a disciplina de literatura é palco de conflitos que resultam em diferentes disposições e distintos padrões de acção. Este ensaio conclui com a sugestão de que a superação dos conflitos advirá do próprio ensino do conflito, isto é, do contacto com a pluralidade de ideias de que a própria literatura é exemplo.

**Palavras-chave:** Literatura; Ensino; Cânone; Julgamento.

#### 469 **O Ponto de Encontro e as metáforas da identidade**

VERÓNICA POLICARPO

Neste texto, reflecte-se sobre o formato televisivo *reality show*, a partir do programa da SIC *Ponto de Encontro*, confrontando-o com a forma como se apresenta à sociedade portuguesa através da imprensa e pela voz de Henrique Mendes: em primeiro lugar, como espelho da realidade portuguesa; em segundo lugar, como denunciador de injustiças e de casos dramáticos de separações; em terceiro lugar, como auxiliar ou assistente, propondo-se ajudar os indivíduos a reparar a separação de que são sujeitos pelo reencontro. A encenação desta tripla metáfora de identidade deve ser vista à luz do formato televisivo *reality show*, suas características específicas e sua relação com as sociedades actuais. Analisa-se o que no *Ponto de Encontro* existe em comum com este formato e o que nele se destaca como especificidade de um produto concebido a pensar no povo português: como protagonista e como consumidor. Tal encenação tem precisamente como âncora o discurso mítico de identidade nacional enraizado no quotidiano e no senso comum dos Portugueses. O *Ponto de Encontro* explora essencialmente três aspectos do discurso mítico nacional: o da pureza e transparência dos sentimentos (o português é naturalmente bom e afectuoso, solidário e humano); os Portugueses distri-

buíram-se ao longo da história em dois tipos de território (o rural e o além-mar); finalmente, os Portugueses desde sempre estiveram sujeitos a um fado, a um destino, não ultrapassável a não ser pelas naturais características de abnegação e de resignação. A imagem que o *Ponto de Encontro* constrói do seu público é, assim, a de um povo humilde e paciente da adversidade, crédulo e submisso, com raízes fortemente rurais e ultramarinas.

**Palavras-chave:** *Reality show*; Televisão; Estudos televisivos; Identidade nacional.

#### 483 **Castilho e a tradução libérrima do drama *Camoëns***

VÍTOR AMARAL DE OLIVEIRA

Pretende-se com este artigo apresentar a peça de Victor Perrot e Armand Du Mesnil, *Camoëns*, drama em cinco actos e em prosa, de 1845, e a tradução para português (1849) de António Feliciano de Castilho. Na perspectiva do tradutor, o texto foi «liberrimamente fundado» nos dramaturgos franceses. Nesse sentido, tenta-se perceber, pelas palavras de Castilho, na Introdução e nas Notas, e através de alguns exemplos em paralelo dos dois textos (francês e português), se se trata efectivamente de uma tradução, de uma adaptação ou até de um texto completamente novo.

**Palavras-chave:** D. Sebastião; Camões; Castilho; Tradução; Teatro; Século XIX.

### TESTEMUNHOS

497 P.<sup>e</sup> FERNANDO CRISTÓVÃO

499 ADÉRITO TAVARES

501 CATARINA DUFF BURNAY

503 PATRÍCIA DIAS

505 FILIPE MASCARENHAS SERRA

506 BRUNO GABRIEL

507 JOAQUIM TORRINHA

510 JOÃO MORÃO BAPTISTA

511 MÁRIO DA ROCHA CREOULO

513 JOSÉ ALFARO

515 **TABULA GRATULATORIA**